



Práxis e curricularização da extensão universitária na Educação Física

Joice Mayumi Nozaki¹, Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger², Lílian Aparecida Ferreira³

Resumo: A práxis é uma ação reflexiva que pode contribuir com uma formação voltada para a transformação da realidade, incluindo a extensão universitária, recentemente curricularizada no Brasil. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi analisar a construção da práxis nos projetos de extensão universitária de um curso de Educação Física e refletir sobre esses elementos formativos para a curricularização. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, envolveu 14 profissionais de Educação Física e utilizou o questionário e a entrevista como instrumentos de coleta. Constatamos a construção da práxis nas aprendizagens vinculadas a: construir a prática pedagógica; relacionar teoria com a prática; lidar com diversos públicos; ter segurança; articular o ensino, a pesquisa e a extensão; produzir, refletir e analisar criticamente o conhecimento. Não obstante, identificamos desafios para a curricularização da extensão universitária como: superação da dicotomia entre teoria e prática na Educação Física; efetiva realização da articulação entre ensino, pesquisa e extensão no ensino superior; construção de currículos com espaços e dinâmicas que proporcionem uma ação integral e integradora para a formação dos graduandos em Educação Física; melhorias materiais, estruturais e de financiamento nas universidades; formação contínua dos docentes; reorganização do trabalho do professor universitário no acompanhamento individual/coletivo dos graduandos nesse processo de curricularização. Tais apontamentos revelam elementos essenciais para a construção da práxis e a estruturação da curricularização da extensão universitária no ensino superior, em especial, nos cursos de Educação Física, bem como, para a ampliação das discussões sobre a temática.

Palavras-chave: Currículo; Ensino Superior; Formação Inicial; Aprendizagem

Praxis and curriculumization of university extension in physical education

Abstract: *Praxis* is a reflexive action that can contribute to an education focusing on transforming the reality, including university extension, recently included in the curriculum in Brazil. Thus, this research aims to analyze the construction of praxis in university extension projects of a Physical Education course and reflect on these formative elements for curriculumization. The research, qualitative and exploratory, involved 14 Physical Education professionals and used a questionnaire and an interview as collection tools. We noted the construction of praxis in the learning related to building pedagogical practice; relating theory to practice; dealing with different publics; having confidence; articulating teaching, research and extension; producing, reflecting, and critically analyzing knowledge. However, we identified challenges for the curriculumization of university extension such as: overcoming the dichotomy between theory and practice in Physical Education; effective fulfillment of the articulation between teaching, research, and extension in higher education; designing curricula with spaces and dynamics that provide a comprehensive and integrative action for the training of undergraduate students in Physical Education; material, structural and funding improvements in universities; continuing education for faculty; reorganization of the professor's work in the individual/collective monitoring of students in this curriculumization process. Such notes reveal essential elements for the construction of praxis and the structuring of curriculumization of university extension in higher education, especially in Physical Education courses, as well as for the expansion of discussions on the subject.

Keywords: Curriculum; Higher Education; Initial Training; Learning

Originais recebidos em

02 de junho de 2021

Aceito para publicação em

13 de fevereiro de 2022

1
Prefeitura de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP.

<https://orcid.org/0000-0002-5706-1707>

(autora para correspondência)

joicenozaki@yahoo.com.br

2
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP/Bauru-SP.

<https://orcid.org/0000-0001-8377-8501>

3
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP/Bauru-SP.

<https://orcid.org/0000-0001-8517-4795>

Introdução

Ao estudar a história da educação superior no Brasil, especificamente da extensão universitária, há uma pluralidade de reinterpretações resultantes de questões filosóficas, políticas, econômicas, que indicam fins educacionais e socioculturais para corresponder aos anseios da população (assistencialista, acadêmica, formativa, tecnológica). As configurações da extensão universitária, resultantes destas reinterpretações, evidenciam a influência desse pilar no processo de formação de futuros profissionais, até porque há certa convergência de pensamento tanto da legislação atual, Resolução CNE/CES Nº 7, de 18 de dezembro de 2018 (Ministério da Educação, 2018), quanto entre os acadêmicos ao conceberem a extensão universitária como um lugar que abriga possibilidades educativas na relação com a sociedade, estreitando vínculos entre os saberes científicos e populares (Menegon & Albuquerque, 2011; Vêras & Souza, 2016; Steigleder et al., 2019; Alves et al., 2020).

Uma das particularidades da extensão universitária na formação inicial é permitir a efetivação do aprendizado articulado às atividades de ensino e pesquisa (Nozaki, 2012). É o momento no qual os graduandos fundamentam e entendem conceitos e teorias na ação e mobilizam o processo reflexivo (Silva, 1997; Person et al., 2019).

Além disso, a extensão universitária pode estimular a construção da práxis, que de acordo com Genú (2018), é uma ação reflexiva “[...] construída na observação, experiência, apropriação do sujeito para o trato com a intervenção transformadora” (p. 58). Essa ação tem por finalidade contribuir com uma formação voltada para a transformação do mundo e da realidade em que o graduando está inserido, através da construção dos saberes docentes e profissionais, do processo de ensino (estrutura e funcionamento), da ação docente atenta e reflexiva (intencionalidade docente e práxis criadora) e da prática pedagógica, da mobilização e da construção de novos saberes que se relacionam mutuamente (Caldeira & Zaidan, 2013).

Assim, compreendemos a práxis na extensão universitária como uma ação reflexiva e transformadora que possibilita a construção: de conhecimentos interdisciplinares (as questões éticas na relação com a profissão); dos processos de ensino e aprendizagem que consideram as diversas realidades; das práticas pedagógicas ancoradas nos princípios da inclusão, diversidade, equidade e sustentabilidade.

Recentemente, com a intenção de alavancar e enriquecer o processo de formação no ensino superior, a extensão universitária foi curricularizada nos programas de formação inicial (Ministério da Educação, 2018). Essa nova proposição ainda se encontra em processo inicial de implantação nos currículos dos cursos superiores (inclusive na Educação Física) e tem como perspectiva reconfigurar o papel da extensão universitária. A expectativa é estabelecer articulação entre o universo acadêmico e a sociedade brasileira, estimulando a produção de novos saberes e conhecimentos em diversas áreas integradas à formação do graduando. Sob esta orientação, aparece a prerrogativa de que a construção de ações extensionistas promoveriam a emancipação, para além do que está estabelecido no currículo formativo, materializando uma ação fundamental para a formação integral desse futuro profissional. Com base neste contexto, os objetivos deste estudo foram analisar a construção da práxis nos projetos de extensão universitária de um curso de Educação Física de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo e refletir sobre esses elementos formativos na curricularização da extensão universitária.

Estudos dessa natureza podem nos trazer elementos relevantes para o processo de implantação da extensão universitária nos currículos dos cursos superiores de Educação Física.

Trajetória metodológica

A pesquisa se assentou na abordagem qualitativa ao considerar os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas, refletindo um diálogo entre o pesquisador e os participantes, com base em uma tradição compreensiva (André, 2013). O estudo teve caráter exploratório por buscar conhecer melhor um determinado campo de investigação (Gil, 2019).

Participaram deste estudo 14 profissionais de Educação Física que tinham atuado como bolsistas ou estagiários (1 ano a 4 anos de participação) na época em que eram graduandos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado com ingresso em 2001 a 2005 e conclusão de 2005 a 2009 em Educação Física¹ (Ministério da Educação, 1987, 2002), nos projetos de extensão para diversos públicos, nas seguintes áreas: natação, lazer, lutas, atividade física e saúde, condicionamento físico, modalidades esportivas e Educação Física escolar. Todos os profissionais concordaram em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como também tal estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da universidade envolvida através do número de parecer 3422/46/01/11. Como garantia do sigilo da identidade da instituição envolvida e dos participantes da pesquisa os nomes originais não serão divulgados. Assim, os excertos que serão apresentados conterão nomes fictícios.

As técnicas de coleta utilizadas foram o questionário misto (com perguntas abertas e fechadas) e a entrevista semiestruturada. Estes dois instrumentos foram validados por três doutores da área antes de sua aplicação e realizados com todos os participantes da pesquisa. Ambos os instrumentos enfocaram a relação entre a experiência vivida nos projetos de extensão universitária e a construção da práxis (Amado & Ferreira, 2006) e suas transcrições foram validadas pelos participantes. O questionário foi utilizado para mapear as informações relacionadas aos dados acadêmicos, profissionais e extensionistas dos participantes da pesquisa, revelando informações gerais sobre as experiências e aprendizagens construídas na extensão universitária e suas possíveis implicações profissionais. A entrevista aprofundou as informações do questionário, nos dando condições de melhor compreender os elementos que estabeleciam aproximação com a práxis, bem como, os desdobramentos destas análises para a curricularização da extensão universitária.

Os dados foram analisados conforme o referencial de Bardin (2011) baseado em três etapas: 1. Pré-análise: permitiu através de uma leitura geral, especificar os campos que deveríamos fixar a atenção (organização inicial); 2. Exploração do material/descrição analítica: as respostas completas dos participantes foram aglutinadas em um quadro para identificação das narrativas expressivas das ideias que prestigiavam o objetivo do estudo. Posteriormente foram inseridas em um novo quadro, em busca da síntese de ideias coincidentes e divergentes; 3. Tratamento dos resultados e interpretações: houve o aprofundamento das conexões das ideias e interação entre as diferentes técnicas de coleta, através de inferências e interpretações dos dados com a literatura sobre o assunto.

Após a realização dessas etapas, emergiram duas categorias de análises. A primeira categoria se preocupou em analisar a construção da práxis nos projetos de extensão universitária de Educação Física a partir das aprendizagens edificadas pelos graduandos nos projetos de extensão. A segunda categoria discutiu os elementos formativos da práxis na curricularização da extensão universitária a partir das contribuições e desafios apresentados pelos participantes.

Resultados e Discussão

A práxis nos projetos de extensão universitária no curso superior de Educação Física: a construção das aprendizagens profissionais

A construção da práxis se consolida na compreensão de que a universidade pública é sociedade, demarcando a relação universidade/sociedade na produção e reprodução crítica do conhecimento (Wahlbrinck & Pacheco, 2015). Nesta direção, a práxis, enquanto atividade teórico-prática reflexiva, é configurada a partir das interpretações do cotidiano profissional (Caldeira & Zaidan, 2013) e articulada a uma reflexão teórico-pedagógica que alimenta a integração entre o conhecimento, a experiência e os sentidos que se constroem (Maffei et al., 2017).

Especificamente sobre a organização da prática pedagógica e a construção do processo de ensino, relatos dos participantes mostraram: “a importância de planejar, sistematizar e delinear objetivos para o programa de intervenção” (Maria) e “a elaborar estratégias diferenciadas que auxiliem no processo de ensino aprendizagem, para as aulas serem mais motivantes aos alunos e, sobretudo, para que não sejam excludentes” (Eduardo). Outros três depoentes sinalizaram que, além destes aspectos, aprenderam a trabalhar com pessoas diferentes; conheceram mais sobre desenvolvimento humano; conseguiram acessar conhecimentos da área sobre o ensino dos esportes na escola, balizados por teóricos como Vygotsky, Freire, Le Boulch, Gallahue e variadas teorias pedagógicas.

Tais aprendizagens parecem explicitar simultaneamente um compromisso tanto com bases teóricas apropriadas pelos graduandos quanto a uma perspectiva de mundo voltada para a inclusão, o trabalho com diversas pessoas e o desenvolvimento humano. Esses indícios revelam o quanto o processo de aprender envolve um mosaico de figuras que se juntam e seguem desenhando novas formas de ver as relações humanas, por isso um processo permanente. Segundo Ferreira et al. (2017), podemos compreender esse cenário de construção de aprendizagens como um celeiro do processo educativo, pois uma vez que o graduando está inserido nele, os sentidos e os significados profissionais vão se construindo e reconstruindo, consolidando assim, a sua existência profissional. Essa articulação entre as vivências profissionais e os conhecimentos científicos, por meio da reflexão, potencializa a construção da práxis, aspecto igualmente identificado por Cavalcanti et al. (2016).

Outros três participantes disseram ter desenvolvido nos projetos de extensão universitária segurança na “[...] área [...], tipo é o modo de falar, o modo de explicar, isso eu não tinha nem um pouco, a timidez também que eu falei, perdi muito. [...]” (Yasmin); a “[...] lidar com o desenvolvimento de cada criança, saber respeitar a individualidade de cada uma na ginástica e trabalhar da melhor forma [...]” (Elza); e a “[...] como lidar como professor, de como lidar com o seu companheiro de trabalho, como lidar com o aluno em si, a saber passar informação pra ele, saber como lidar com ele [...] estar próximo dos professores, querer ser curioso pelas coisas, aprender bastante [...]” (Marcelo). Os excertos em questão nos possibilitam visualizar que o tornar-se educador se dá, sobretudo, na relação consigo mesmo e com o outro. É nesse embate que as pessoas têm a chance de se conhecer melhor e perceber o que é preciso superar, mudar, melhorar para serem entendidas e estabelecer uma interação. Do mesmo modo, passa a ser fundamental ser sensível a escuta do outro, lê-lo, decifrá-lo e, a partir disso, poder construir um diálogo sincero. Estas experiências parecem ter marcado profundamente estes participantes por meio do que viveram junto à extensão universitária.

Os participantes também deram relevo a aspectos que os colocavam diante de suas próprias dificuldades ou de situações imprevisíveis como: “[...] eu nunca tinha lidado com adultos, ensinando Aikidô, algumas vezes assim eu dei aula, praticamente, mas nunca tive uma turma, nunca fui responsável por uma equipe que nem

foi aqui [...]” (Carlos). Ricardo apontou que “[...] a compreensão das limitações de cada integrante da equipe de trabalho e [...] atuar junto a crianças de classe social baixa que apresentavam inúmeras dificuldades com higiene, nutrição e escolaridade. Fato que me obrigou a adequar os conteúdos ministrados às características do grupo de trabalho”.

Essas ações pedagógicas parecem ter potencializado a construção da reflexão e da análise crítica da realidade profissional na qual estavam inseridos (academias de natação e de ginástica; residências; asilos; escolas particulares e públicas; núcleos de saúde; universidade). Uma destas construções se relacionou à compreensão do público com o qual trabalhavam, promovendo assim, ações profissionais que se mostraram alinhadas às demandas trazidas por diferentes realidades. Para Lorenzo et al. (2016), esse desenvolvimento evidencia um dos primeiros passos do futuro profissional em direção à aproximação daqueles com os quais interage em suas aulas, uma vez que tal estreitamento de vínculo é que poderá potencializar as situações de sensibilização ao outro, promovendo a realização de uma ação crítica e reflexiva articulada a essa leitura do outro, da vivência que será por ele realizada, do contexto e dos saberes técnicos científicos que serão mobilizados.

De acordo com Ferreira et al. (2017) a construção da práxis se dá na atividade de ensinar e aprender, incorporando aprendizados profissionais advindos de uma ação consciente, academicamente orientada e assentada numa leitura social com compromisso político. Elementos desta natureza apareceram nos depoimentos de cinco entrevistados, dentre eles: “[...] saber lidar com diferenças físicas e diferenças culturais, da história de cada um, resolver conflito dos alunos, mas conflito de ideias, né?” (Carlos); “[...] enxergar o potencial de cada aluno independente da sua deficiência ou limitação” (Clara). A construção destas aprendizagens expressa a potência da práxis quando os participantes explicitaram articular os conhecimentos desenvolvidos na extensão universitária com aqueles que o profissional aciona e desenvolve em sua atuação.

A apropriação de conhecimentos na formação inicial vai muito além da sala de aula, trazendo contribuições para auxiliar no desenvolvimento “do relacionamento interpessoal, da convivência em grupo, reforçando alguns princípios como educação, responsabilidade e respeito” (Joana); “de metodologias de trabalho (conversa ou círculo de diálogos no início e fim das atividades) que se preocupam com a construção de valores ou conceitos em prol de uma melhor sociabilização e afetividade entre crianças, seus pares e professores (alunos em formação)” (Enzo); e “da responsabilidade e do comprometimento (coordenador/alunos/professor) em melhorar as aulas através de inovações e motivação para aulas” (Joaquina). Estas manifestações expressam reflexões em torno de uma consciência objetiva, interpretativa e de transformação pessoal, profissional e social vivida por cada participante (desde sua condição inicial) na sua relação com o mundo.

Com base nestes achados, concordamos com Santos et al. (2017) quando aponta que a extensão se transforma em um instrumento de ligação da universidade com a sociedade, por democratizar o conhecimento acadêmico através da troca de saberes com diversas comunidades, pois são nessas trocas que os conhecimentos são construídos e as aprendizagens edificadas.

Por esta via, torna-se relevante mobilizar ações no ensino superior em prol desse rico processo de formação, pois a construção da práxis só se efetivará com ações que transformem a realidade por meio dos saberes (Costa et al., 2020) rumo a uma transformação histórica e social assentada na democracia e na justiça social.

Reflexões sobre a curricularização da extensão universitária na Educação Física

Dentre os vários marcos legais que embasam a extensão universitária (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988; Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras [FORPROEX], 1999; FORPROEX, 2012; Lei nº 13.005 [Plano Nacional de Educação], de 25 de junho de 2014; Lei de diretrizes e bases da educação nacional [LDB], 2017), a Resolução nº 7/2018 (Ministério da Educação, 2018) ganha destaque, pois

integralizou as atividades de extensão na matriz curricular dos cursos superiores, estabelecendo o mínimo de 10% do total da carga horária curricular estudantil.

Para Magalhães e Marta (2020), essas reestruturações da extensão universitária causaram uma revolução nas instituições de ensino superior, pois fomentaram (e seguem fomentando) inúmeras discussões sobre as ações a serem realizadas sobre às atividades de extensão.

Sob o ponto de vista de graduandos (hoje profissionais), que vivenciaram a experiência da extensão universitária, identificamos uma valorização desse cenário formativo. Para Maria, João, Marcelo e Yasmin, as ações extensionistas foram relevantes para a construção da práxis; a união da prática com a teoria; aprofundar a teoria; iniciar a pesquisa e proporcionar ações de intervenção (aprender fazendo). A articulação entre ensino e pesquisa mobilizada pela extensão universitária, presente nas interpretações dos dados, parecem explicitar a relevância que a extensão universitária assumiu no percurso da formação destes profissionais de Educação Física. Neste sentido, estes achados nos convidam a olhar para o processo de curricularização da extensão universitária com otimismo, ainda que, igualmente, nos alertem para desafios que precisam ser enfrentados no âmbito das universidades.

Sobre o processo de curricularização da extensão universitária, as reflexões têm se dado, como aponta Genú (2018), no sentido de repensar os elementos curriculares (componentes curriculares, disciplinas e atividades realizadas ao longo do curso de caráter teórico e/ou prático), na medida em que há mudança contínua do participante e da sua postura dialógica no processo de educação e formação humana. Estes processos de mudança apareceram nos depoimentos de oito dos nossos entrevistados quando destacaram que a experiência extensionista os preparou para atuar profissionalmente, auxiliando na melhor compreensão da teoria com a prática, preparando-os em relação à parte didático-pedagógica. De igual maneira, criou possibilidades de êxito durante o ensino; aprendizagens em torno da relação da pesquisa com o ambiente de trabalho; no entendimento da atuação com diferentes públicos (de crianças a idosos, em vulnerabilidade e não). Mesmo depois de terem concluído a graduação em Educação Física e saído da universidade, Miguel, Ricardo e Eduardo assinalaram que as aprendizagens construídas nos projetos de extensão continuaram sendo acessadas em suas práticas profissionais, bem como os inspiravam em suas profissões. Para Joana, as transformações por ela vividas no projeto de extensão contribuíram com o desenvolvimento da responsabilidade e da afetividade no relacionamento com os alunos, permitindo-a dialogar com diversas culturas, classes sociais, faixas etárias e formas de pensar.

Em tais falas identificamos as mudanças profissionais e sociais que influenciaram as trajetórias de formação e atuação, além de dar relevo à compreensão de como o aprendizado construído pode ser útil na sociedade (Milagre, et al., 2020), bem como, à significação de situações formativas reais em prol de ações, mas também de mudanças sociais (FORPROEX, 2012; Santos et al., 2017) que emancipem o sujeito participante desse processo formativo.

Apesar das contribuições identificadas, o desafio da curricularização da extensão universitária segue presente pelo fato de envolver novos arranjos curriculares e reorganizações institucionais. Neste sentido, alguns estudos e proposições vêm indicando alternativas para esta nova configuração.

Salatini (2018) desenvolveu um tutorial de curricularização da extensão para apresentar aos docentes as políticas públicas extensionistas e incentivar um processo de reflexão e construção coletiva, no qual contemplou seis tópicos: extensão universitária (conceitos, relevância, documentos oficiais e curricularização); como cadastrar um projeto para professores? (procedimentos para abertura do projeto de extensão); como participar dos projetos para alunos? (procedimentos para participação e creditação da carga horária extensionista); modelos de curricularização da extensão (breve descrição de caminhos tomados por outras universidades que já implementam a extensão como prática obrigatória); proposta para curricularização da

extensão (procedimentos, etapas, carga horária, instâncias e responsáveis); sugestões de projetos (ideias de projetos que podem ser desenvolvidos).

Frutuoso (2020) propõe três critérios para pensar a distribuição da extensão universitária no Projeto Pedagógico dos Cursos: 1) Parte da carga horária do componente curricular seria dedicada às atividades de extensão (Ex.: carga horária total: 40h, dedicando 20h a atividades de extensão); 2) Toda a carga horária da unidade curricular para a execução das atividades de extensão (Ex.: Atividades de Extensão I, se houver outra unidade ofertada de acordo com esse critério, usa-se o número sequencial ao final do nome da unidade curricular); 3) A junção das duas propostas anteriores.

Santos et al. (2020) apresentam pistas de como construir esses espaços formativos e dinâmicos na Educação Física ao proporem uma ação formativa por meio de perfil em rede social do projeto no *Instagram* para licenciados, pesquisadores e profissionais da educação básica e do ensino superior, envolvendo atividades como: Festival da Cultura Corporal (semestral - espaço de articulação direta com algumas disciplinas obrigatórias do curso de licenciatura com o projeto de extensão e as escolas parceiras); Projetos pedagógicos na Educação Infantil (semanal - projetos pedagógicos desenvolvidos nas diferentes escolas parceiras); Encontro de Educação Física na Educação Infantil (anual - socialização de propostas pedagógicas e pesquisas); Podcast (quinzenal - reflexões e debates sobre os desafios e possibilidades da Educação Física na escola); Reflexões sobre o projeto de extensão (mensal - roda de estudos e conversas sobre referências teórico-metodológicas do ensino da Educação Física na escola).

Sarti et al. (2020) destacam alguns elementos para a construção da curricularização da extensão universitária na Educação Física com ações formativas que poderiam envolver: sequências pedagógicas, curso colaborativo, encontros e festivais nas escolas.

Com base nestas propostas, nos arriscamos a apresentar alguns caminhos a serem considerados no processo de construção da curricularização da extensão universitária:

- a. Estudar os diversos tipos de extensão universitária, suas concepções e seus objetivos; conhecer os projetos de extensão existentes na instituição e compreender suas propostas de trabalho;
- b. Analisar suas dinâmicas de operacionalização os recursos para torná-los públicos e acessíveis aos docentes, graduandos e à comunidade.
- c. Planejar atividades ou projetos de extensão por meio de diálogo que articule as demandas da comunidade local/entorno da instituição com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de graduação;
- d. Estreitar vínculo dos projetos com as disciplinas do curso realizando pesquisas sobre estes projetos e que possam resultar em eventos para a mobilização de reflexões coletivas. Reorganizar o PPP por meio de projetos ou temáticas de interesse coletivo que, ao se articularem com as disciplinas, mantenham a coesão com o tripé ensino, pesquisa e extensão em prol de uma educação integral;
- e. Estabelecer relação entre as diversas ações formativas extensionistas como cursos, projetos, atividades, programas, oficinas, eventos e prestação de serviços com as disciplinas do curso.

Na retomada das manifestações reveladas pelos 14 profissionais participantes do nosso estudo, foi possível perceber que 80% atribuíram valor positivo às ações formativas da extensão para seus processos de formação e atuação profissional na área. Tal indício fortalece a defesa pela extensão universitária não com a ingenuidade de que tudo se transformará, mas com a expectativa de que mudanças importantes poderão ser iniciadas.

Em que pesem estas proposições e perspectivas otimistas em torno da curricularização da extensão universitária, cumpre destacar os desafios dessa empreitada, chamando atenção para um desvelamento de um campo que ainda requer muita atenção e cuidado.

Gadotti (2017) sinaliza que um dos maiores desafios da curricularização da extensão está na construção de uma prática integradora e integral, pois os cursos estão configurados por projetos de extensão isolados do ensino e da pesquisa. Essa constatação aparece na fala de Elza, ao salientar que, durante a sua graduação, o ensino esteve centrado unicamente na teoria. A extensão completava a teoria aprendida em sala de aula, unindo a mesma com a prática. Já a pesquisa se mostrou bem distante do projeto de extensão que participou.

Isso demonstra a desarticulação desses eixos formativos e nos alerta para a importância de pensarmos na articulação do tripé ensino, pesquisa e extensão junto à educação superior e ao processo de curricularização da extensão.

Na Educação Física, segue presente a demanda pela superação da dicotomia entre teoria e prática, pois a prática ainda é reconhecida exclusivamente como execução e demonstração de habilidades técnicas e capacidades físicas (Nozaki, 2012), dificultando o processo de construção da práxis na área.

Outro desafio, igualmente relevante para a curricularização da extensão, é a construção de estruturas curriculares com espaços e dinâmicas formativas que proporcionem a discussão, a criação pedagógica, a troca de conhecimentos, a construção de aprendizagens, a aproximação com os reais problemas da comunidade, a inserção na realidade social e a formação integral dos graduandos.

Aos fatores já elencados até aqui, há o enfrentamento correspondente ao precário (e cada vez mais comprometido) investimento financeiro nas universidades públicas, sobretudo com relação às condições estruturais e materiais, bem como, aos recursos para contratação de docentes e funcionários, resultando na precarização do trabalho docente que envolve tanto a extensão universitária quanto o ensino e a pesquisa.

Considerações Finais

Os resultados trouxeram visibilidade para o processo de construção da práxis dentro dos projetos de extensão universitária, uma vez que foram constatadas a edificação de inúmeras aprendizagens como: aprender a atuar e a ensinar; construir a prática pedagógica; relacionar a teoria com a prática; lidar com diversos públicos; aplicar o conhecimento com segurança (ex.: orientar os alunos de forma objetiva e pontual; aferir a pressão do aluno; adaptar a atividade para as peculiaridades dos alunos; ensinar com propriedade diversos conteúdos específicos da Educação Física (esportes, lutas, ginásticas, entre outros); relacionar o ensino, a pesquisa e a extensão; produzir, refletir e analisar criticamente o conhecimento transformando a realidade social (ex: a construção de diversas situações e ações de ensino orientadas pela inclusão; a identificar, reconhecer e valorizar as aprendizagens alcançadas pelos aprendizes – das mais simples às mais complexas), por parte de profissionais que, estando na universidade, vivenciaram ações formativas neste âmbito.

Com a institucionalização da curricularização da extensão universitária, identificamos que já há um movimento com proposições e pesquisas (Salatini, 2018; Frutuoso, 2020) indicando algumas trilhas como possibilidades de construção desses espaços formativos e dinâmicos na Educação Física (Santos et al., 2020; Sarti et al., 2020).

Apesar disso, reconhecemos que existem inúmeros desafios a serem minimizados e/ou superados, dentre eles: superação da dicotomia entre teoria e prática na Educação Física; efetiva realização da articulação entre ensino, pesquisa e extensão no ensino superior; construção de currículos com espaços e dinâmicas que proporcionem uma ação integral e integradora para a formação dos graduandos em Educação Física; melhorias estruturais,

econômicas, de formação contínua docente; reorganização do trabalho do professor universitário no acompanhamento individual/coletivo dos graduandos nesse processo.

Portanto, tais apontamentos nos mobilizam numa ação reflexiva em prol de uma melhor compreensão da construção da práxis nas atividades extensionistas e na visualização desses elementos formativos demarcados por aprendizagens científicas, pedagógicas, culturais e sociais tão relevantes ao desenvolvimento do processo de curricularização.

Agradecimentos

Aos participantes da pesquisa, a IES que concedeu a pesquisa, aos órgãos de fomento CAPES e FAPESP e às professoras D.H. e L.A.F. pela parceria.

Contribuição de cada autor

As autoras trabalharam em parceria na construção e revisão do artigo até a aprovação da versão final.

Notas

1. Os participantes dessa pesquisa balizaram-se por dois currículos distintos da Educação Física. Um grupo orientou-se pela Resolução Nº 3 do Conselho Federal de Educação de 16 de junho de 1987 (Ministério da Educação, 1987) que vigorou até 2004; o outro grupo, pela Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação de 18 de fevereiro de 2002 (Ministério da Educação, 2002) que vigorou de 2005 a 2011.

Referências

- Alves, M. I. A., Scaramuzza, G. F., & Scaramuzza, S. A. (2020). Literatura infantojuvenil e formação docente: Atividades extensionistas na interligação entre universidade e comunidade. *Revista Conexão UEPG*, 16, 2014170.
- Amado, J., Ferreira, M. de M. (2006). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- André, M. (2013). *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Caldeira, A. M. S. C., & Samira, Z. (2013). Práxis pedagógica: Um desafio cotidiano. *Paidéia: Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde*, 10(14), 15-32.
- Cavalcanti, W. A., Toledo, D. D., Oliveira Neto, J. C. R., & Sousa, M. J. (2016). A extensão universitária para discentes de Educação Física Bacharelado. *Revista Campo do Saber*, 2(1), 18-31.
- Constituição da República Federativa do Brasil. (1988). Diário Oficial da União, 05 de outubro de 1988. Recuperado de <https://legis.senado.leg.br/norma/579494/publicacao/16434817>
- Costa, A. S., Ramos, N. B., & Santos, P. B. B. (2020). Práxis, extensão universitária e o desenvolvimento de uma consciência política. *Pensar Acadêmico*, 18(3), 552-563.
- Ferreira, L. A., Castro, L. E., & Silva, T. F. R. (2017). Projeto de extensão Ensinando e Aprendendo Handebol: Inspirações e conquistas. In L. de O. Neto, M. C. Carneiro, P. N. Lisboa Filho, & F. Henriques (Orgs.), *Extensão universitária: Diversidade e desenvolvimento humano*. (pp. 301-321). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - FORPROEX. (1999). *Plano Nacional de Extensão Universitária 2000/2001 (Edição Atualizada)*. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Recuperado de http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf

-
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - FORPROEX. (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. [S. l.]: FORPROEX. Recuperado de <https://www2.ufmg.br/proex/content/download/452/2780/file/PNEU.pdf>
- Frutuoso, T. P. (2020). *O processo de curricularização da extensão nos cursos de graduação do Instituto Federal de Santa Catarina — IFSC* (Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Centro de referência em formação e EAD, Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1643>
- Gadotti, M. (2017). *Extensão universitária: Para quê?* São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- Genú, M. S. (2018). A Abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. *Revista Educação & Formação*, 3(9), 55-70.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas.
- Lei de diretrizes e bases da educação nacional. LDB. (2017). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. Recuperado de https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf
- Lorenzo, I. D. N. D., Fernandes, J. S., & Araújo, K. L. (2016). A extensão universitária e a práxis na formação inicial e continuada do discente. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 1(Ed. Especial), 553-563.
- Maffei, W. S., Verardi, C. E. L., & Filho, D. M. P. (2017). Cultura é currículo: Outros espaços de aprender. In L. de O. Neto, M. C. Carneiro, P. N. Lisboa Filho, & F. Henriques (Orgs.), *Extensão universitária: Diversidade e desenvolvimento humano*. (pp. 261-282). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Magalhães, J. A. S., & Marta, S. N. (2020). Curricularização da Extensão: Compromisso social e inovação acadêmica. In A. W. C. Silva, & P. F. C. Franco (Orgs.), *Curricularização da extensão: Compromisso social e inovação*. (pp. 24-35). Santos, SP: Editora Universitária Leopoldianum.
- Menegon, R. R., & Albuquerque, D. I. de P. (2011). A importância dos projetos de extensão em Educação Física escolar, para o processo de formação de seus integrantes. In *Anais do Congresso de Extensão Universitária da UNESP: "Horizontes da Extensão Universitária: Possibilidades, Caminhos e Realizações"* Águas de Lindóia, São Paulo, 6. (pp. 332). [S. l.]: UNESP. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/145943/ISSN21769761-2011-06-332.pdf?sequence=1>
- Milagre, R. A., Falcão, L. D. C., & Moreira, I. T. (2020). A extensão universitária no IFPB e sua relação com a sustentabilidade em Cabedelo/PB. *Revista Conexão UEPG*, 16, 2016335.
- Ministério da Educação. (1987). *Resolução CFE nº 03/1987*. Brasília: Conselho Federal de Educação. Recuperado de <http://cref16.org.br/home/mec/ResolucaoCFEn03.pdf>
- Ministério da Educação. (2002). *Resolução CNE/CP nº 01/2002*. Brasília: Conselho Nacional de Educação. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf
- Ministério da Educação. (2018). *Resolução CNE/CES Nº 7*, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, s.1, p. 49-50.
- Nozaki, J. M. (2012). *Os significados e as implicações da extensão universitária na formação inicial e atuação profissional em Educação Física* (Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Brasil. Recuperado de https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/87424/nozaki_jm_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Person, V. A., Bremm, D., & Güllich, R. I. C. (2019). A formação continuada de professores de ciências: Elementos constitutivos do processo. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 10(3), 141-147.
- Salatini, A. C. M. (2018). *Extensão Universitária: A curricularização como proposta* (Dissertação de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas). Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000218708>
- Santos, C. M. R. G., Porem, M. E., Cabral, R., Andrelo, R., Guaraldo, T. de S. B., & Ruiz, A. A. P. L. (2017). Extensão, mercado e academia: O evento interdisciplinar como agente de relacionamento no Curso de Extensão "Da classe ao mercado". In L. de O. Neto, M. C. Carneiro, P. N. Lisboa Filho, & F. Henriques (Orgs.), *Extensão universitária: Diversidade e desenvolvimento humano*. (pp. 187-205). São Paulo: Cultura Acadêmica.
-

Santos, M. G. L. S., Oliveira, G. L. C., Santos, A. P. S., & Sarti, R. (2020). Extensão Universitária e Isolamento Social: Educação Física na Educação Infantil em 1 minuto. *Raízes e Rumos*, 8(1), 213-222.

Sarti, R., Reis, Y. A. L., Araújo, G. M., & Souza, T. M. (2020). Conversas virtuais e outras possibilidades para a extensão universitária em tempos de isolamento social. *Revista Extensão*, 4(2), 176-181.

Silva, O. D. (1997). O que é extensão universitária? *Revista Integração Ensino, Pesquisa, Extensão – Especial: Extensão universitária (USJT)*, 5(9), 148-150. [Palestra no II Simpósio multidisciplinar de outubro de 1996 (USJT) ano III]

Steigleder, L. I., Zucchetti, D. T., & Martins, R. L. (2019). Trajetória para a curricularização da extensão universitária: Atuação do FOREXT e diretrizes nacionais. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 10(3), 167-174.

Véras, R. M., & Souza, G. B. (2016). Extensão universitária e atividade curricular em comunidade e em sociedade na Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 7(2), 83-90.

Wahlbrinck, I. F., & Pacheco, L. M. D. (2015). Extensão universitária: Possibilidade de práxis libertadora pela ética do cuidado. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, 19(1), 61-69.

Como citar este artigo:

Nozaki, J. M., Hunger, D. A. C. F., & Ferreira, L. A. (2022). Práxis e curricularização da extensão universitária na Educação Física. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 13(1), 1-11. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/12472/pdf>
